



Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

**GRANDE SERTÃO: VEREDAS E “FAMIGERADO”:  
OU COMO PASSAR DA CORDIALIDADE PARA A CIVILIDADE**

**GRANDE SERTÃO: VEREDAS AND “FAMIGERADO”  
OR HOW TO PASS FROM CORDIALITY TO CIVILITY**

Luciene Pereira  
Secretaria de Educação do Distrito Federal

**Resumo:** Neste artigo, as narrativas *Grande sertão: veredas* e “Famigerado”, escritas por João Guimarães Rosa, são analisadas visando a demonstrar como contribuem para ilustrar a discussão sociológica realizada em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Argumenta-se que, ao representar o encontro entre os personagens principais com o “doutor” ilustrado, Rosa ilumina os conceitos de cordialidade e civilidade, conforme desenvolvidos por Holanda.

**Palavras-chave:** cordialidade; civilidade; “Famigerado”; *Raízes do Brasil*; João Guimarães Rosa.

**Abstract:** In this article, we analyze the narratives *Grande Sertão: veredas* and “Famigerado”, written by João Guimarães Rosa, aiming at demonstrating how they contribute to illustrate the sociological discussion held in *Raízes do Brasil*, by Sérgio Buarque de Holanda. It is argued that in representing the encounter between the main characters with the illustrated “doctor”, Rosa sheds light on the concepts of cordiality and civility, according to how they are expounded by Holanda.

**Keywords:** cordiality; civility; “Famigerado”; *Raízes do Brasil*; João Guimarães Rosa.

No rol das narrativas do escritor mineiro João Guimarães Rosa – doravante JGR – o aclamado conto “Famigerado”, integrante da coleção *Primeiras Estórias*, guarda com o romance *Grande Sertão: Veredas* uma

curiosa similaridade: o encontro de um jagunço com um doutor. Contudo, esse mesmo encontro enseja diferenças substanciais.

Por um lado, em *Grande Sertão: Veredas* ocorre a visita de um homem letrado ao velho jagunço narrador, visitante a quem o protagonista contará suas aventuras pelo sertão, romanceando, à moda das sagas de cavalaria, as guerras fratricidas das quais tivera parte em sua juventude. Muito embora o narrador se empenhe em construir uma imagem que o distinga dos seus pares, seu discurso se desconstrói em uma leitura menos imprevidente, haja vista que o personagem não deixa de gabar-se de sua exímia arte na guerra.

Apesar disso, uma vez que a narrativa é construída como lembrança de um tempo passado remoto, quase lendário, o encontro com o homem letrado foi, como se sabe, um encontro amistoso e de uma narração marcada por toda sorte de emoções. Nota-se a profícua hospitalidade com que o visitante é recebido, por parte do protagonista, a mesma hospitalidade tão saudada por viajantes estrangeiros que nos visitaram e tão específica da tradição mineira, esta que é substrato do universo sertanejo recriado pelo autor.

Por outro lado, em “Famigerado”, a lógica é outra. É o jagunço quem vai à procura do doutor e, diferentemente de Riobaldo, este já não vê como necessária a estratégia de romancear sua história de facínora, que é por todos conhecida. Dadas as circunstâncias, não há empatia entre eles. Não há sombra de hospitalidade e paira um esforço absolutamente planejado para que todas as emoções fossem disfarçadas. O encontro possui pauta determinada e exclusivamente definida pelo jagunço, que vai ao encontro deste outro “doutor” desejoso de obter a resposta precisa e conveniente para uma – já badalada – questão de semântica advinda de uma animosidade estabelecida entre o jagunço e “um moço do governo”, em virtude de uma caracterização insultuosa que este atribuiu àquele. Essa animosidade recapitula o sempre presente embate de forças entre o Estado e a jagunçagem. O doutor o recebe, não propriamente pelo prazer da acolhida, tal qual Riobaldo, para quem visita em sua casa “é por três dias”<sup>1</sup>, antes, por temer o que poderia lhe passar caso contrariasse a expectativa do visitante. Já de início, é possível observar, como

---

<sup>1</sup> ROSA, 1994, p. 28

o fez Wisnik, a “iminência de uma violência física”<sup>2</sup>, uma “inimizade figadal”<sup>3</sup>, em que o jagunço “está pronto a negar que é matador, matando”. Ora, para o doutor, recepcionar o jagunço era, sobretudo, uma imposição, da qual não lhe era facultado declinar.

Nessa perspectiva, podemos dizer que, por um lado, *Grande Sertão: veredas* ilustra, do ponto de vista do encontro aludido, aquilo que Sérgio Buarque de Holanda – doravante SBH – em *Raízes do Brasil*, concebe como cordialidade, permitindo que se reconstrua pela leitura do romance – numa estratégia de colecionar pistas – o significado de homem cordial, tal qual foi pensado pelo sociólogo, ilustrando o conceito ponto-a-ponto. Por outro lado, pode-se afirmar que “Famigerado” é capaz de deixar evidente uma solução profícua para a superação da cordialidade e a construção de uma sociedade civilizada, em que os conflitos entre os indivíduos que a compõem sejam superados pela tentativa de manutenção de um diálogo, pela racionalização das ações e pela tentativa de superação das paixões capazes de colocar em xeque a ordem pública.

Kathrin Rosenfield, no ensaio “O Estrangeiro interno de João Guimarães Rosa”, e na esteira de uma vertente crítica já estabelecida por nomes que vão de Walnice Nogueira Galvão, passando por Luiz Roncari e Wille Bolle até Heloísa Starling, analisa a ligação entre a sociologia brasileira e as narrativas elaboradas por JGR. Nesse ensaio, a pesquisadora demonstra alguns aspectos do diálogo das narrativas rosianas com os textos sociológicos e com “a reflexão ensaística de Euclides da Cunha, de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado, Oliveira Vianna”<sup>4</sup>. Para a pesquisadora, Rosa realiza a fusão de “elementos vivos da cultura brasileira. Ele procura fundir o velho e o novo imaginário do Brasil num mito acre-doce da ambivalência, da cordialidade”<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> WISNIK, J. M. O famigerado. In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v.5, n. 10, p. 177-198, 1º sem. 2002, p. 177

<sup>3</sup> WISNIK, 2002, p. 182

<sup>4</sup> ROSENFELD, 2011, p. 27-28.

<sup>5</sup> ROSENFELD, 2011, p. 28.

Rosenfield considera que essa fusão permite à obra rosiana revelar “a complexidade do Brasil (o caráter melancólico-saudoso com sua oscilação entre a volúpia e a violência; a cordialidade com suas cumplicidades malignas que permeiam todos os estrados da sociedade; o forte imaginário do clã parental e eleitoral, etc)”<sup>6</sup>.

Para SBH, a principal condição para que o homem cordial subsista é a permanência ativa e fecunda das raízes agrárias na sociedade, daí que o ambiente de *Grande Sertão: Veredas* seja um *locus* perfeito. Dada sua publicação em 1956, na alta modernidade, pode-se pensar que seja um dos últimos trabalhos de literatura que terá esse ambiente rural, agrícola, não apenas como paisagem, pano de fundo, mas determinando toda a complexa estrutura de um romance moderno de tal monta.

SBH é enfático ao afirmar que “com a progressiva urbanização” do país, com a entrada na modernidade e consolidação de uma nova sociedade baseada em estruturas sociais, econômicas e políticas progressistas, a partir daquele momento de onde escrevia, a década de 30 do século XX, seria possível retirar do atraso e do paternalismo retrógrado “áreas cada vez mais extensas à esfera da influência metropolitana”<sup>7</sup> e o homem cordial já não teria mais um *habitat* possível entre nós e estaria inexoravelmente fadado ao desaparecimento.

Com qual espanto não seria acometido o ensaísta se soubesse hoje como ainda estamos longe de ver transformadas não apenas as áreas remotas pelos ares da civilização, da República, da modernidade, mas também as áreas cada vez mais urbanizadas que se consolidaram no país a partir do final do século XIX. Tal previsão não se concretizara na década de 30, quando SBH escreveu *Raízes do Brasil*, nem na década de 50, quando o romance é publicado, e também não se efetivou hoje, mais de oitenta anos após a publicação da primeira edição do ensaio e permanece ainda sem razoáveis expectativas.

---

<sup>6</sup> ROSENFELD, 2011, p. 28.

<sup>7</sup> HOLANDA, 2006, p. 396.

Não apenas subsiste o universo agrário com suas centenas de pequenos povoados e grandes propriedades rurais cujas formas de convívio, instituições e ideologias mantêm seus traços origináveis inextinguíveis, como também subsistem as diversas formas pelas quais os ambientes urbanos e os fundamentos do Estado continuam a ser bombardeados pelos fundamentos personalistas tão peculiares à velha ordem colonial e patriarcal. É pertinente a vinculação de SBH entre a expectativa de entrada do país na civilização moderna e a revogação do universo agrário que dá sustentação à permanência do homem cordial. O que parece não proceder é a efetiva revogação desse universo e proscricção dessa figura tipológica do cenário social brasileiro.

Riobaldo, além de estar cercado pelo universo rural por todos os lados e ser por ele também determinado, no mais profundo da sua formação, é também aquele que representa na narrativa outro elemento caro a SBH, ao pensar sobre o homem cordial: a expressão espontânea dos afetos de forma máxima e sem idealizações.

Interpretá-lo como um personagem muito cordial é para nós brasileiros um segundo proveito já que contribui para desfazer as tantas interpretações enviesadas do conceito advindas de uma leitura equivocada de *Raízes do Brasil*, geralmente contígua às ideias de Ribeiro Couto em sua Carta a Alfonso Reyes. Se hoje é ponto pacífico para a academia que não se pode falar em cordialidade pressupondo, a partir da leitura de SBH, um conceito elogioso, sabe-se que nem sempre isso foi assim.

Conforme Schwarcz e Starling, a noção de cordial em SBH, “na visão popular, tem sido castigada pelo juízo invertido. Foi reafirmada como um libelo das nossas relações cordiais, sim, mas cordiais no sentido de harmoniosas, sempre receptivas, e contrárias à violência”. Não faltou e continua a não faltar quem, entre nós brasileiros, esbraveje contra a positividade presente na origem do conceito: “somos violentos, não somos cordiais”. Considerando o conceito definitivo mantido na edição de 1956, Schwarcz e Starling observam que a afirmação de SBH não se apresenta como “uma celebração”, pelo contrário,

apresenta-se como um lamento acerca da “nossa difícil entrada na modernidade”, lamento seguido de uma reflexão crítica sobre essa condição<sup>8</sup>.

O autor de *Raízes do Brasil* já nos havia alertado que há no conceito de cordialidade uma ambivalência constitutiva. Ora, o homem cordial é dominado pelas emoções advindas do coração, mas lembre-se que o adjetivo é originário do radical latino: *cor*, *cordis* e como o próprio ensaísta afirma: “o coração é sede dos sentimentos, e não apenas dos bons sentimentos”<sup>9</sup>.

Seguindo a raiz etimológica, pode-se lembrar, agora com menos rigor, o que nos diz o evangelista São Marcos, que já atentara para o fato de que “é do interior do coração do homem que procedem os maus pensamentos: devassidões, roubos, assassinatos, adultérios, cobiças, perversidades, fraudes, desonestidade, inveja, difamação, orgulho e insensatez”<sup>10</sup>.

A partir da leitura profícua da última edição do ensaio, Schwarcz e Starling perceberam que, tal como está desenvolvido, a cordialidade deve “ser entendida a partir de seu sentido crítico – a nossa dificuldade de acionar as instâncias públicas”<sup>11</sup>. Na perspectiva buarqueana, há uma dificuldade coletiva na sociedade brasileira para assimilar a lógica impessoal demandada pelos relacionamentos interpessoais no espaço público, acostumados que estamos com a lógica personalíssima da estrutura familiar que fundamentou as estruturas sociais no país. O homem cordial é incapaz de se relacionar proficuamente com uma sociedade organizada nos parâmetros da sociedade urbana, uma vez que esta exige o cumprimento de regras e rituais completamente diferentes daqueles relacionados à constituição do universo familiar a que está afeito. Como explica Antonio Candido, isso se dá em virtude de que “no Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo ideal, canônico, de família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização [...] ia acarretar um desequilíbrio social, cujos efeitos permanecem vivos ainda hoje”<sup>12</sup>.

<sup>8</sup> SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 17.

<sup>9</sup> HOLANDA, 2006, p. 395.

<sup>10</sup> BIBLIA. Marcos 7: 21-23, 2012.

<sup>11</sup> SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 17.

<sup>12</sup> HOLANDA, 2006, p. 159.

Conforme Candido, no artigo “O significado de *Raízes do Brasil*”, de 1967, que substitui o prefácio de 1963 de *Raízes do Brasil*, que tanto contribuiu para a solidificação da visão crítica sobre o ensaio buarqueano, “formado nos quadros da estrutura familiar, o brasileiro recebeu o peso das ‘relações de simpatia’, que dificultam a incorporação normal a outros agrupamentos”<sup>13</sup>, apresenta dificuldades para reconhecer os parâmetros sobre os quais se institui o Estado de direito que necessita obrigatoriamente de uma impessoalidade para se fundamentar como tal, bem como para fixar-se como instância de domínio público e “não acha agradáveis as relações impessoais, características do Estado, procurando reduzi-las ao padrão pessoal e afetivo. Onde pesa a família, sobretudo em seu molde tradicional, dificilmente se forma a sociedade urbana de tipo moderno”<sup>14</sup>.

Também, nessa perspectiva, Riobaldo ilustra bem o conceito de homem cordial. É incapaz de acionar as instâncias públicas, incapaz de identificar-se com o código de leis que regem o país, incapaz de resolver conflitos de forma impessoal e racional, sua personalidade é uma explosão de emoções e pulsões. Ilustra com perfeição a definição de Antonio Candido, ainda no ensaio de 1967, quando este define que “o ‘homem cordial’ é visceralmente inadequado às relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, e não da sua marca pessoal e familiar, das afinidades nascidas na intimidade dos grupos primários”<sup>15</sup>.

Essa maneira de ser do brasileiro cordial é o que impede, na visão de SBH, todo o desenvolvimento da sociedade rumo à superação do universo agrário e solidificação dos fundamentos da sociedade moderna e civilizada. O controle das emoções nas relações interpessoais, a separação das instâncias públicas e privadas, hoje epitomizadas pela dificuldade na separação do universo familiar do universo político, são condições *sine qua non* para a construção de um ambiente urbano e impessoal. Como a sociedade brasileira não supera as bases passadistas de sua configuração, daí a dificuldade em passar da cordialidade à civilidade.

<sup>13</sup> CANDIDO, 1967, in: HOLANDA, 2006, p. 245.

<sup>14</sup> CANDIDO, 1967, in: HOLANDA, 2006, p. 245.

<sup>15</sup> CANDIDO, 1967, in: HOLANDA, 2006, p. 245.

Além da construção do protagonista, é possível verificar que a arquitetura do romance desvela tais estruturas passadistas: o poder arbitrariamente organizado nos rincões do sertão rosiano, isto é, às margens da Lei, dá o tom da configuração política na fundação e desenvolvimento do Estado no espaço urbano. Na falta de um Estado forte, que seja capaz de reger a organização do interior do país, estabelece-se ora o poder do líder local, que o exerce arbitrariamente, garantindo seus privilégios classistas, na perpetuação da estrutura oligárquica e agrária, ora organizações paralelas como os bandos de jagunços que revelam a incompatibilidade do sertanejo com a noção de estado, sua dificuldade em adaptar-se satisfatoriamente às normas sociais e a indisponibilidade para deslocar o centro de decisões de contato pessoal para instâncias públicas, uma vez que desconsideram os valores da justiça instituída oficialmente e as leis estatais e resolvem os conflitos interpessoais baseados em um código de honra apócrifo e ilegítimo. O romance é desenvolvido de modo a não apenas retratar o ambiente agrário, mas também de forma a demonstrar como as estruturas sociais e institucionais desse universo têm bases sólidas na formação da sociedade brasileira, permitindo-nos conhecer, via literatura, que “nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro”<sup>16</sup>.

É exatamente neste ponto em que as similaridades entre *Grande Sertão: veredas* e “Famigerado”, do ponto de vista do conceito de cordialidade, tornam-se distintas. No conto rosiano, o encontro entre o jagunço e o homem letrado foge aos parâmetros do que se entende por cordialidade e nos coloca novamente diante de uma lista elaborada por Guimarães Rosa, em seus cadernos de escritos, sobre como proceder nas relações exteriores, sobretudo pelo fato de que, em “Famigerado”, há uma urgência em se pensar numa estratégia de manutenção da ordem e da estabilidade emocional entre os personagens representados.

No Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais encontra-se uma cópia xerográfica da caderneta escrita por João Guimarães Rosa intitulada *Relações com os outros*. Nela temos uma prova

---

<sup>16</sup> HOLANDA, 2006, p. 160-161.

concreta e objetiva da preocupação de João Guimarães Rosa em repensar o conceito de cordialidade e contribui aqui para retomar a distinção entre cordialidade e civilidade articulada por SBH.

Nesse documento, em uma entrada do dia 18 de março de 1956, não por acaso o ano de publicação do romance, o autor ensaia uma definição do termo, afirmando: “mesmo a cordialidade deve ser digna, discreta, paciente” e, logo em seguida, pontua: “cordialidade verdadeira: sem nenhum sentimento de superioridade. (nem internamente)”<sup>17</sup>. Essas entradas, dada a maneira fortuita como surgem na caderneta, parecem-nos antes digressões de foro íntimo do que reflexões motivadas por uma vontade de teorização acerca da cordialidade brasileira. Contudo, expressam uma preocupação por parte do ficcionista com a discussão sociológica daquele momento. E, parece-nos, reverberam, em forma melhor acabada, na fatura do texto narrativo.

Assim como as definições de cordialidade, a caderneta apresenta outras evidências de que Rosa esteve às voltas com esse conceito, a exemplo da entrada que intitulou como *Relações exteriores*. A lista que elabora nessa entrada relembra-nos *Raízes do Brasil* e parece-nos uma resposta a SBH na polêmica que se estabelece em torno da questão de como passar da cordialidade à civilidade, tanto na esfera privada, de domínio das paixões da alma, quanto no convívio social. SBH já afirmara que “na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças”<sup>18</sup>. Logo, a lista elaborada por JGR mais nos parece uma aula de como entrar de vez na civilidade e estabelecer profícuas relações com o outro que sejam marcadas pela racionalidade crítica e pela temperança. Confirmamos:

#### RELAÇÕES EXTERIORES

- 1) Combater a expansividade, em todas as suas formas. De uma maneira geral, é preciso guardar silêncio.
- 2) Dominar todos os impulsos. Não comunicar notícias, não transmitir novidades.
- 3) Never explain, never complain!<sup>19</sup>

<sup>17</sup> ROSA, s. d.

<sup>18</sup> HOLANDA, 2006, p. 160.

<sup>19</sup> “Nunca se queixe, nunca se explique”. Citação do epigrama de Disraeli: “Never complain, never explain, never apologise”: “Nunca se queixe, nunca se explique, nunca se desculpe”.

**Dossiê Literatura e Afeto**

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

- 4) Não ser afirmativo (dogmático) nem demonstrativo (explicativo).
- 5) Não expressar nunca as nossas impressões, especialmente as que resultam das conversações que ouvimos.
- 6) Cada exclamação, cada palavra, cada gesto – conservados – aumentam nossas reservas.
- 7) Moderar todos os movimentos expressivos e dar apenas mui ligeiras mostras de emoção, surpresa, alegria, descontentamento, etc. Todo gesto desordenado ou toda mostra de agitação rouba-nos algo. Não ter movimentos de impaciência ou arrebatado.
- 8) Qualquer exclamação é de vulgaridade repulsiva!!!
- 9) Não procurar simpatia nem lisonja. Não querer provocar surpresa com palavras.
- 10) Só falar quando se tem necessidade de falar, e, então, não fazer de modo mecânico e automático: medir as expressões e substituir aquelas que se iam pronunciar “impulsivamente”, por outras, que sejam mais reflexivas.
- 11) Não discorrer com animação porque seria desgaste inútil.
- 12) Deixar o charlatão, digo, o outro desperdiçar sua força nervosa com um aluvião de palavras.
- 13) Escutar bem, com calma, e só dar a nossa opinião pessoal quando é indispensável<sup>20</sup>.

Note-se que Rosa topicaliza as atitudes que considera mais aplicáveis no âmbito das relações humanas, sobretudo em ambientes hostis como o de guerra ou o de competições profissionais e deixa claro que em tais ambientes onde o que, não raro, se manifesta é a hostilidade imotivada, a postura de civilidade torna-se mais tecnicamente aplicável, a fim de garantir condições mínimas de sobrevivência e convívio harmonioso do que aquelas atitudes que, nascendo espontaneamente do homem cordial, poderiam implicar no surgimento de toda sorte de paixões.

Radicalmente diferente de *Grande Sertão: veredas*, em “Famigerado” pode-se verificar o imperativo de “dominar todos os impulsos”<sup>21</sup>, segundo item da lista elaborada por Rosa. Mesmo um jagunço facínora e perigosíssimo é capaz de desenvolver uma atitude polida, civilizada para se relacionar com o outro, que é distinta da cordialidade de Riobaldo para com o doutor do

---

Conferir: <http://www.fernandoschuler.com.br/artigos/detalhe.php?id=173&tipo=2>. Acesso em: 19.03.2013

<sup>20</sup> ROSA, Caderno de escritos, s. d.

<sup>21</sup> ROSA, Caderno de escritos, s. d.

romance. Para SBH, “a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções”<sup>22</sup>. É exatamente essa a razão de a “atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no ‘homem cordial’: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula”<sup>23</sup>.

Verifica-se que não apenas o anfitrião estabelecerá com o visitante uma atitude pautada pela polidez, pela civilidade, uma vez que pretende sair vivo do encontro, também o jagunço não demonstrará de todo suas emoções, em virtude de saber que apenas aquele doutor dar-lhe-ia a resposta à sua dúvida.

Em “Famigerado”, jagunço e doutor parecem estar cientes da necessidade de “combater a expansividade, em todas as suas formas”<sup>24</sup>. Percebe-se que o encontro entre o médico e o monstro “jagunço até na espuma do bofe”<sup>25</sup>, “o feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo”<sup>26</sup>, principia pelo signo do estranhamento causado ao médico, por ver diante de sua casa “Damázio, dos Siqueiras”<sup>27</sup>, mas não se resolve “na boca de um bom tabuco”, como poderia ter ocorrido nas histórias de juventude de Riobaldo.

A recusa do grupo de cavaleiros ante o convite do médico para que descessem dos cavalos, a “cara de nenhum amigo” do jagunço, “a forma de cumprimentar “seco, curto e pesadamente”, o comportamento “avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és”,<sup>28</sup> tudo isso, contribuiu para que o médico não esperasse que um encontro amistoso se daria. Na “grande dúvida” que concebeu de seu papel de anfitrião, ciente de que “com um i”, o jagunço o “dissolvia”, concluiu que o

---

<sup>22</sup> HOLANDA, 2006, p. 161.

<sup>23</sup> HOLANDA, 2006, p. 160-161.

<sup>24</sup> ROSA, s. d.

<sup>25</sup> ROSA, 1994, p. 393.

<sup>26</sup> ROSA, 1994, p. 394.

<sup>27</sup> ROSA, 1994, p. 394.

<sup>28</sup> ROSA, 1994, p. 9.

melhor a fazer seria organizar-se “muito de macio”, aplicando-se a quinta regra rosiana: “não expressar nunca as nossas impressões”.<sup>29</sup> Obviamente, diante da impossibilidade de apresentar ao visitante alguma inquietação, ou demonstrar qualquer lampejo de descontentamento pela visita, o médico necessita agir da forma mais polida possível.

O jagunço só desce do cavalo quando diz ao médico a que veio: “eu vim perguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...”<sup>30</sup> Desce do cavalo, em uma tentativa de diminuir a distância de seu interlocutor, mas não aceita entrar na casa do médico, o que agrava ainda mais a ansiedade do anfitrião: “assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza”.<sup>31</sup> Diante da apresentação ominosa: “vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...”<sup>32</sup>; o pavor perpassara a figura do médico.

Nesse introito, o narrador assume exclusivamente a função de ouvinte impactado pela presença do jagunço, exímia aplicação do décimo terceiro postulado rosiano: “escutar bem, com calma, e só dar a nossa opinião pessoal quando é indispensável”.<sup>33</sup> O jagunço desfere, então, a implacável questão, a que veio obter solução manejável: “– ‘Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgerado... famílias-gerado...?’”<sup>34</sup>.

Como já analisara Wisnik (2002), “a pergunta é uma arma carregada de ameaça”.<sup>35</sup> Arma apenas apontada, engatilhada, pronta para a execução final, carregada pelo “componente explosivo”<sup>36</sup>, o significante pólvora, imponente, posto que deslizante. Arma só não disparada pela razão cordialmente óbvia: apenas o doutor poderia afugentar a dúvida que o animara até aquele encontro, como reconhece o próprio Damázio, quando afirma que na Serra do São ão, “lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem

---

<sup>29</sup> ROSA, 1994, p. 10.

<sup>30</sup> ROSA, 1994, p. 394.

<sup>31</sup> ROSA, 1994, p. 394.

<sup>32</sup> ROSA, 1994, p. 394.

<sup>33</sup> ROSA, s. d.

<sup>34</sup> ROSA, 1994, p. 394.

<sup>35</sup> ROSA, 1994, p. 394.

<sup>36</sup> WISNIK, 2002, p. 182.

tem o legítimo – o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam...”<sup>37</sup>

Verifique-se que, ao desferir a questão, o jagunço não busca apenas um significado para o significante inquietador, o jagunço busca antes o próprio significante, que desliza em sua memória, já que a palavra lhe escapa, instaurando-se a dúvida entre o que fora dito pelo “moço do governo” e o que fora ouvido por ele, simulando uma espécie de telefone-sem-fio que torna o jagunço aquele que busca inteirar-se de sua própria característica, capaz de desvelar o caráter que lhe fora atribuído.

Diante da questão, o doutor apenas interroga: “Famigerado?”<sup>38</sup>, desvelando a palavra-chave da narrativa. Verifique-se que, nesse momento, por precauções óbvias, o doutor segue o quinto item da lista rosiana: “não ser afirmativo (dogmático) nem demonstrativo (explicativo)”, bem como o sexto: “cada exclamação, cada palavra, cada gesto – conservados – aumentam nossas reservas”, certo de que não devemos “expressar nunca as nossas impressões, especialmente as que resultam das conversações que ouvimos”.

Acerca da questão elaborada por Damázio, Wisnik reflete:

Damázio parece suspeitar, segundo indica seu hesitante devaneio lexical, que a nomeação envolve algum modo de avaliação da sua origem, família, honra, pai, mãe, o que lhe aparece a si mesmo – ou pelo menos se formula – como uma espécie de enigma (o que é mesmo que é?)<sup>39</sup>.

Exatamente por isso, Damázio eleva a voz, ante o desvelamento do significante pelo interlocutor doutor, dizendo num brado: “ ‘sim senhor...’ – e alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me.”<sup>40</sup> E ainda mais solícito interroga: “vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome

---

<sup>37</sup> ROSA, 1994, p. 395.

<sup>38</sup> ROSA, 1994, p. 395.

<sup>39</sup> WISNIK, 2002, p. 181, grifos do autor.

<sup>40</sup> ROSA, 1994, p. 395.

de ofensa?”<sup>41</sup> “Pois... é o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”<sup>42</sup>. Ainda conforme Wisnik (2002): “Damázio parece suscetível à avaliação guardada na palavra do outro, como se ela detivesse, além de um possível xingamento, a chave de um destino”.<sup>43</sup>

A busca de Damázio pela palavra-pólvora faz-nos aqui lembrar Macunaíma que, ao voltar ao Uraricoera, perde a consciência na ilha de Marapatá. A lembrança se deve, de um lado, no que diz respeito à busca de caráter do personagem andradino, e de outro pela argúcia com que Damázio dirige-se ao homem letrado para obter aquilo que deseja saber.

Damázio, enquanto jagunço, parece sofrer do mesmo mal que acomete Macunaíma: a ausência de um caráter que lhe imprima uma identidade apreensível, menos provisória que a característica sempre volátil que o epíteto jagunço lhe confere. Exatamente por esse motivo, Damázio exige a fidegnidade da resposta: “agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?”<sup>44</sup>. Assim como Macunaíma, que “subiu na montaria e deu uma chegadinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá”, Damázio também sobe à montaria, para no arraial onde mora o médico, doutor, a fim de buscar a resposta à questão que parece perturbar seu senso de identidade, desferida, no alto da Serra do São Âo, pelo “moço do governo”.

Curiosamente, em virtude da artilosa resposta dada pelo doutor ao jagunço, caberia aqui a mesma fórmula da pergunta resposta de Mário de Andrade: “Jacaré achou? nem Ele.”<sup>45</sup> Ora, assim como “o herói pegou na consciência dum hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma”<sup>46</sup>, Damázio se deu por satisfeito diante da afirmação final do doutor: “olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que eu pudesse!...”<sup>47</sup>

---

<sup>41</sup> ROSA, 1994, p. 395.

<sup>42</sup> ROSA, 1994, p. 395.

<sup>43</sup> WISNIK, 1994, p. 182.

<sup>44</sup> ROSA, 1994, p. 395.

<sup>45</sup> ANDRADE, 122, s. d.

<sup>46</sup> ANDRADE, 122, s. d.

<sup>47</sup> ROSA, 1994, p. 395.

Parece-nos que aqui o narrador sabe-se conhecedor também da oitava regra rosiana de “moderar todos os movimentos expressivos e dar apenas mui ligeiras mostras de emoção, surpresa, alegria, descontentamento, etc. Todo gesto desordenado ou toda mostra de agitação rouba-nos algo. Não ter movimentos de impaciência ou arrebatos”. Diante da resposta do doutor, Damázio viu-se satisfeito e, macunaimicamente, coloca-a também na cabeça e acredita ter se dado bem da mesma forma.

A resposta fez com que o jagunço mudasse completamente a postura estabelecida até então, ao ponto de exclamar aliviando as tensões: “exultante”: “ah, bem!”<sup>48</sup>, contrariando a sexta regra rosiana<sup>49</sup>: “saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogaréu. Sorriu-se outro”.<sup>50</sup>

Desarmado o conflito, conclui-se que, se em GS:V a postura receptiva do narrador é devida a um desejo espontâneo do jagunço Riobaldo de estabelecer interações com o doutor, motivados, ambos, por afinidades e questões de foro pessoal; em “Famigerado” a interação do jagunço Damázio com o outro doutor se dá em virtude da imposição que o jagunço lhe fizera ao estabelecer os termos em que desejaria tratar a investigação sobre sua boa ou má fama. Observa-se, pois, em “Famigerado”, aquilo que SBH concebe como uma “mímica deliberada das manifestações espontâneas”, isto é, uma mímica da cordialidade que se estabelece de forma genuína em GS:V. Tornada fórmula, a forma natural da expressão dos afetos típica das relações cordiais preserva os personagens de “Famigerado” da manifestação da sensibilidade e emoções de cada um. Se, por um lado, a fórmula funciona como tática de sobrevivência para o médico, por outro lado, funciona como artifício para Damázio estabelecer um diálogo possível com o interlocutor, em um jogo de máscaras que lhe permite ora revelar, ora ocultar suas verdadeiras motivações.

A tentativa de manutenção de um diálogo racional entre indivíduos de classes absolutamente distintas, contendo as emoções e visando o entendimento pode ser entendida como uma resposta à questão que que paira

---

<sup>48</sup> ROSA, 1994, p. 395.

<sup>49</sup> Cada exclamação, cada palavra, cada gesto – conservados – aumentam nossas reservas.

<sup>50</sup> ROSA, 1994, p. 395-396.

sobre *Raízes do Brasil*: como passar da cordialidade à civilidade? As narrativas evidenciam que só é possível passar de uma a outra superando as paixões arrebatadoras, os instintos e comungando daquelas paixões que levam o ser humano à tolerância e à concórdia.

Superando atitudes cordiais, daríamos, então, o primeiro passo para a superação do universo agrário e retrógrado, criando uma possibilidade para passar à modernidade, como sonhou SBH e fundar um espaço urbano que seja, ao menos, habitável e suportável. Como se viu, assim como no Brasil atual, também na narrativa rosiana há muitos obstáculos para essa transição no âmbito das relações interpessoais.

## Referências

BIBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus. 2012.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura Brasileira*: resumo para principiantes. São Paulo: Humanitas publicações, 1999.

COUTO, Ribeiro. “Carta a Alfonso Reyes”. *Revista do Brasil*, ano 33, nº 6, p. 30-31, 1987.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MALERBA, Jurandir. Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 14, nº 25, p.9-20, jul./dez., 2012.

ROSA, João Guimarães. *Relações com os outros*. Fundo Henriqueta Lisboa. Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. B869.33r788C v.5. 06\CELHL.

ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, vol. 1-2.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. O “Estrangeiro interno” de João Guimarães Rosa. In: HOLANDA, S. A. de O. (Org.). *Imagens, arquivo e ficção em Guimarães Rosa*. Curitiba: CRV, 2011.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloísa. Medos privados em lugares públicos. In: *Folha de São Paulo*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/11/1365607-medos-privados-em-lugares-publicos.shtml>. Publicado em 03.11.2013. Acesso em: 29/07/2015.



Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes

**Dossiê Literatura e Afeto**

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: uma biografia*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WEGNER, Robert. Um ensaio entre o passado e o futuro. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa 70 anos. Org. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de; SCHWARCZ, Lília Moritz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 335-364.

WISNIK, J. M. O famigerado. In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, nº 10, p. 177-198, 1º sem. 2002, p. 177.

**Luciene Pereira** é doutora em Estudos Literários: Literatura Comparada e Teoria Literária pela UFMG (2016); mestre em Estudos Literários: Teoria Literária pela UFMG (2010); licenciada em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela UNIMONTES (2008). É professora efetiva de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Distrito Federal desde 2014.